

APRESENTAÇÃO

A revista *Matraga*, do Programa de Pós-graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, editada desde 1986, apresenta o número 32, relativo a janeiro-junho de 2013, dedicado à Estilística, com uma significativa mostra de estudos (literários ou não) que a retomam em suas abordagens.

Não há renascimento da Estilística porque, na verdade, não houve “morte”. Apenas buscamos contribuir com novas reflexões, ratificando a “tradição”, no que há de basilar e consistente.

Mais do que Estilística, acreditamos em “atitude estilística”, gerando manipulação eficiente dos recursos da língua. Ter clareza sobre as relações entre o pensamento e a sua expressão assegura um domínio linguístico amplo em qualquer situação.

Diante do material disponível pelo sistema geral da língua, operamos uma escolha, a partir não só da consciência que possuímos desse sistema, como a que atribuímos ao destinatário do enunciado. O fato estilístico é, então, de ordem linguística, psicológica e social: o fundamental é que haja compreensão.

O texto literário não é a finalidade última da Estilística. Ele, sem dúvida, fornece matéria-prima insubstituível para estudo estético. Outras manifestações do pensamento, no entanto, se potencializam com tal abordagem.

A Estilística suscita variadas polêmicas. Há os que a amam; há os que a odeiam; há os que a desmerecem; há os que a reverenciam. Por razões diversas. Neste número da *Matraga*, apresentamos alguns estudos sobre o tema. Mais estudos, dentre tantos que sempre virão. É o que importa.

Carlos Eduardo Falcão Uchôa, em “Estudos estilísticos no Brasil”, lembra o início e a progressão dos estudos estilísticos no Brasil; como filólogos, linguistas, teóricos da literatura e gramáticos contribuíram para a sua ascensão e permanência.

Elis Cardoso e Alessandra Ferreira entendem o estilo como forma de expressão em diferentes contextos enunciativos. Em “A estilística

e o discurso literário contemporâneo” procuram demonstrar como, à luz da Estilística, é possível analisar efeitos de sentido no discurso literário contemporâneo.

Uma concepção mais ampla dos estudos estilísticos serve de reflexão para Rosa Marina de Brito Meyer em “Cultural, Multicultural, Intercultural: o português como segunda língua para estrangeiros”. No artigo, ressalta a relevância dos aspectos da cultura subjetiva de nossa sociedade, aflorados em ambientes multiculturais, para o sucesso do aprendiz e seu “estilo” de se comunicar.

O artigo de Tania Shepherd e Tony Berber Sardinha, intitulado *A rough guide to doing Corpus Stylistics*, representa grande contribuição, por mapear pesquisa recente na área dos estudos assistidos por ferramentas computacionais. Além da discussão de aspectos teóricos e metodológicos da chamada estilística de *corpus*, os autores aplicam o seu instrumental à análise de um romance do escritor inglês Julian Barnes, *A sense of an ending*.

Em “Da crítica estilística à estilometria literária”, a pretensa desconsideração da Estilística por parte dos estudos literários no Brasil é abordada por Camillo Cavalcanti. Enfatiza a Estilometria Literária como metodologia para uma análise hermenêutica consistente do texto.

Leo Spitzer, o grande nome da Estilística Literária do século XX, é enfocado por Nabil Araújo em “A Estilística Literária: Leo Spitzer e a transmutação hermenêutica da leitura filológica” no que tange à sua especificidade teórica e metodológica em face da questão do “estilo” em literatura.

Othon Moacyr Garcia é referência nos estudos relativos à comunicação, no uso da língua em abordagem diferente da habitual. André Nemi Conforte, em “Othon Moacyr Garcia e a análise estilística no Brasil”, busca demonstrar o método analítico do autor, a importância da análise estilística de cunho linguístico.

O estilo singular da escrita ficcional de António Lobo Antunes é matéria do artigo “Da fragmentação do discurso e da palavra: a escrita delirante de António Lobo Antunes”, de Claudia Amorim, que ressalta, dentre outros aspectos, marcas da estética pós-moderna. Busca associar tais características a alguns de seus romances.

Em “A gênese de um romance queirosiano: um autógrafo inédito de a ilustre casa de Ramires”, Maria Isabel Rocheta apresenta o original de Eça de Queirós, iluminando-o com reflexões sobre o processo de

gestação de sua escrita, contribuindo para uma futura edição genética dos manuscritos, em curso na Universidade de Lisboa.

A leitura de “Estilo, autobiografia e autodidatismo: Graciliano Ramos e os sentidos da Infância” motiva o estudo de Marcelo da Silva Amorim, ao observar como as composições orais de que o autor se apropriou instituem efeitos estilísticos e interativos para o leitor, ressaltando sua condição de autodidata.

Tania Maria Nunes de Lima Camara resgata o estudo dos nomes próprios em “Hipocorísticos, apelidos e crítica social: linguagem e estilo em Machado de Assis”. Atesta as possibilidades dos recursos morfossintáticos e léxico-semânticos na escolha dos antropônimos e seus efeitos de sentido.

O texto de Tatiana Piccardi, “Estilo e autoria em relatos de dor”, destaca-se pelo ineditismo de sua abordagem, ao ocupar-se de uma discussão do conceito de estilo à luz de dados oriundos de um *corpus* (relatos de dor) que não costuma receber tratamento linguístico. Dando consistência e coerência à reflexão proposta, aponta os traços que caracterizam a narrativização da dor nos relatos, para em seguida problematizar as relações entre estilo e autoria.

Fechando o volume, Sírio Possenti discute as relações entre autoria e estilo em *Notas sobre a questão da autoria*. O autor aprofunda suas reflexões sobre a noção de autoria, com a qual vem trabalhando desde 2002. Põe à disposição subsídios teóricos para a reflexão sobre estilo, também abordando a questão da escrita na escola.

*Maria Teresa Gonçalves Pereira
Anna Elizabeth Balocco*